

História, biografia, pedagogia nas páginas de “Brasileiras Célebres”

Talita Daher Rodrigues*

RESUMO: No século XIX, a escrita biográfica foi muito valorizada. Vidas individuais vieram a ser tomadas como paradigmáticas para a escrita de uma história da nação. Nesse contexto, no ano de 1862, Joaquim Norberto de Souza e Silva publicou o livro “Brasileiras Célebres”, objeto de análise deste texto.

PALAVRAS-CHAVES: Biografia, gênero, pedagogia.

Em *Brasileiras Célebres* nota-se, pela primeira vez, a preocupação de produzir um livro que imortalizasse a história de mulheres, merecedoras de páginas da História, tanto quanto varões afamados. O livro possui valor pedagógico explícito.

De uma maneira geral, as biografias do período enalteceram a nação, por meio da narração das vidas de sujeitos “exemplos”, como uma estratégia para constituir os padrões de conduta do “ser brasileiro(a)”. O livro de Joaquim Norberto vai mais além. Ele é voltado à educação das moças, sendo redigido para que fosse adotado nas escolas femininas (SILVA; 1997). Interessa-nos indagar: que tipo de mulher brasileira estaria querendo formar através do exemplo das biografadas escolhidas? Essa é a questão que norteou minha análise.

Cabe, contudo, uma reflexão preliminar sobre a autoria da obra. Joaquim Norberto de Souza e Silva foi um mais, entre os sócios do IHGB, dedicado aos estudos de história. Como letrado, suas biografias apresentam uma linguagem rebuscada, poética e romântica, os adjetivos dedicados as mulheres são variados e os cenários de fundo são descritos com minúcias. Algumas de suas biografias figuraram na sessão de *Biografias de brasileiros distintos ou de indivíduos ilustres que bem servissem o Brasil*, da revista do IHGB.

Gostaria de chamar atenção para um aspecto mais oculto da atuação dele nessa instituição: a de apaixonado pelas mulheres e defensor da genialidade do dito sexo frágil. Esse traço de sua personalidade já se revelara muito antes da publicação desse livro. Ele foi o único a biografar senhoras na revista do IHGB e chegou mesmo a indicar uma mulher para ocupar uma das cadeiras de sócios do instituto, o que não foi aprovado por seus colegas. Na folha de rosto de *Brasileiras Célebres*, Joaquim Norberto transmitiu seu pensamento citando

* Bolsista de IC no projeto Retratos em papel e letras: narrativa biográfica e imaginário nacional no Império do Brasil, coordenado pela Prof. Márcia de Almeida Gonçalves, no IFCH/UERJ.

palavras do Marquês de Marica: “Pode-se avaliar a civilização de um povo pela atenção, decência e consideração com que as mulheres são educadas, tratadas e protegidas.” No epílogo do livro, transcreveu textos de estrangeiros que viam com tristeza a situação das brasileiras.

Em *Brasileiras Célebres*, as biografias são agrupadas em capítulos segundo o tema que tornou aquelas senhoras dignas de estarem ali. São eles: “Amor e fé”, “Armas e Virtudes”, “Religião e Vocação”, “Gênio e Glória”, “Poesia e Amor”, “Pátria e Independência”. As biografias são curtas e só as do capítulo “Religião e Vocação” ultrapassam dez páginas. Seria mera coincidência? Talvez não! O cristianismo é exaltado a todo o momento. Não há uma só mulher no livro que não seja louvada por estar firmada na fé cristã. Mesmo as índias escolhidas já são batizadas e convertidas. A mulher do Império do Brasil deveria ser cristã, como era o monarca e o reino.

A despeito desse ponto comum, a celebridade das biografadas foi justificada pelos mais variados motivos. Houve aquelas que conduziram o Brasil a impressionantes vitórias bélicas com mais ânimo e vigor do que muitos homens, tal como fizeram Rosa Maria de Siqueira, Maria Úrsula de Lencastre, Maria de Mendeiros e a guerreira Clara Camarão, entre outras, incluindo mulheres anônimas como as senhoras de Tejucupaco, cuja presença no livro honrou a mulher brasileira de forma geral. Houve patriotas que não combateram, mas que honraram o Brasil entregando-lhe os homens guerreiros de que necessitavam, como fez Maria de Souza que, após a morte de três filhos e um genro, conclamou seus dois últimos meninos a lutarem e triunfarem sobre os holandeses. Mas houve também as que manejavam pincéis e/ou penas como é o caso, por exemplo, de: Ângela do Amaral Rangel, chamada de “a musa cega”, e Grata Hermelinda, conhecida como “a philosophinha”.

Além das já mencionadas, existiram outras que ultrapassaram de longe a importância de seus maridos como a missionária Damiana da Cunha, e outras cujas biografias serviram de pretexto para exaltar seus respectivos varões ilustres, a exemplo de: Catharina Alves (Paraguaçu), cujo feito heróico foi ter sido a companheira de Diogo “Caramuru” Alves, ou dona Maria Dorotheá, noiva do poeta Thomaz Antônio Gonzaga, que foi biografada por ter servido de inspiração aos seus versos. A culta e abastada Bárbara Heliadora da Silveira também foi destacada por ter sido uma esposa apaixonada e mãe dedicada, mesmo depois dos trágicos ventos da Inconfidência Mineira.

As religiosas também não ficaram de fora. Joanna Angélica, a freira mártir, morreu para proteger suas irmãs e o sagrado recinto de Deus dos estrangeiros invasores, na guerra de

independência na Bahia. A beata Joanna de Gusmão tornou-se peregrina após a morte de seu esposo, por causa de uma promessa selada pelos dois. Jacyntha de San José vivia para todo tipo de prática religiosa e foi a fundadora de uma comunidade seguidora dos votos de Santa Tereza de Jesus. A irmã Germana foi uma das figuras mais curiosas do livro, tornou-se célebre por seus estranhos estases, cujas causas - sobrenatural ou fruto de catalepsia grave? – estimularam as indagações autorais.

Curiosa também é a biografia da mameluca Maria Bárbara que não fez nada além de morrer. Maria preferiu ser assassinada a se entregar ao homem que tentou violentá-la. Salta a impressão de que ela foi usada como pretexto para abordar um valor cristão: o da fidelidade conjugal acima de tudo.

Ao longo das vinte e uma biografias, a história do Brasil como nação se apresentou na qualidade de pano de fundo das experiências específicas de cada biografada. Foi ganhando contornos também um arquétipo da mulher brasileira almejada pelo Império, a soma das qualidades das biografadas. Que mulher seria essa então?

Já dissemos que seria cristã. Seria também profundamente patriótica, senão disposta a combater pela pátria ela mesma, ao menos disposta a abrir mão dos homens de sua família por amor ao Brasil e a criar seus filhos debaixo desse mesmo amor. Assim como os homens brasileiros juravam fidelidade a D. Pedro, as mulheres deveriam jurar a princesa Leopoldina como fizeram as senhoras baianas na bela carta em que colocavam até suas jóias à disposição da Nação. Um trecho da carta das senhoras paulistanas dá o exato tom da questão:

“Se o amor a pátria, se a gratidão são as primeiras virtudes das grandes almas (...), estes não foram atributos só do sexo varonil (...). (...) Pela segurança e firmeza do trono brasileiro estamos prontas, transcendendo a debilidade do nosso sexo, a derramar até a última gota do nosso sangue. (...) As paulistanas juram a face do mundo todo não interromper o costume de educar seus filhos da moral santa, no amor soberano e à pátria, na coragem e nas mais virtudes sociais, elas lhes irão desde a tenra idade fortificando os débeis braços com que um dia defenderão o augusto trono da casa de Bragança no Império do Brasil.” (SILVA, 1997)

A brasileira deveria ser ainda corajosa, delicada, prendada, culta, sábia e dedicada às artes como eram as mulheres dos países desenvolvidos. Educação e modos eram sempre bem-vindos. Sobre isso, a “philosophinha” dizia que, embora muitos homens educassem as mulheres como escravas, que só necessitavam obedecer, a mulher devia buscar saber mais:

“Queira Deus que outras meninas brasileiras mostrem ao público o fruto dos seus estudos para darem princípio a uma palestra literária, que aproveitando e instruindo as pessoas do nosso sexo, dê mais realce aos salões freqüentados pela

mais escolhida e virtuosa sociedade. (...) Uma mulher virtuosa, elegante e instruída é o mais completo ornamento da sociedade. (...) O toucador de uma senhora é tão necessário como os livros; estes ornam a alma e aquele enfeita o corpo.”. (SILVA, 1997)

Mas se algumas coisas estavam mudando com relação ao papel feminino na sociedade, algumas se mantinham. A brasileira deveria ser esposa, a não ser que optasse por se casar só com Cristo. Sim, o autor exaltou a fidelidade conjugal, o cumprimento das responsabilidades de esposa acima de todos os deleites pessoais, a devoção e paixão pelo marido. Quando filha, deveria ser obediente aos pais. E, quando mãe, deveria ser dedicada, presente, amável e mestre. A função de mãe era considerada muito importante porque seus ensinamentos moldavam o caráter dos adultos, sobretudo das futuras mulheres. Esta idéia foi reforçada por escritos de Grata Hermelinda transcritos pelo autor em sua biografia.

Assim, o traço que mais diferencia as “heroínas” dos heróis das biografias masculinas da mesma época, é que elas não precisavam necessariamente ter desempenhado algum feito marcante, grandioso e patriótico ou terem sido célebres gênios, ainda que várias delas se enquadrem nessas categorias. O autor do livro dizia que “quanto mais humilde é a missão da mulher, tanto maior a sua glória”, daí termos ao lado de guerreiras e filósofas, algumas “heroínas domésticas”, alguns “exemplos contínuos”, ‘generosas mães’, mulheres ‘amáveis por sua bondade’, ‘imagens de resignação e desinteresse’, ‘virgens puras’ e ‘desditosas e angelicais meninas’.

Bibliografia:

GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. “Debaixo da imediata proteção de Sua Majestade Imperial. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889)”. In: *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, a. 156, n. 388, jul./set. 1995.

LORIGA, Sabina. “A Biografia como problema”. In: REVEL, Jacques (org). *Jogos de Escala. A experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998, pp. 225-250.

SILVA, Joaquim Norberto de S.. *Brasileiras Célebres*. Brasília: Senado Federal, 1997, 233p. / fac-símile de: Rio de Janeiro: Garnier, 1862.